



## PERCEPÇÕES DE MULHERES SOBRE AS VIAS DE TRANSMISSÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

**CAROLINA HELEONORA PILGER<sup>1</sup>; NATÁLIA DA SILVA GOMES<sup>2</sup>; LETÍCIA BARBOSA DIAS<sup>3</sup>; THAYNA DA FONSECA AGUIRRE<sup>4</sup>; JARBAS DA SILVA ZIANI<sup>5</sup>; LISIE ALENDE PRATES<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Santa Maria – carolinapilger@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade do Vale do Rio dos Sinos – nataliasilvag\_@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal do Pampa – leticiadias.aluno@unipampa.edu.br*

<sup>4</sup>*Universidade Federal do Pampa – thaynaaguirre.aluno@unipampa.edu.br*

<sup>5</sup>*Universidade Federal do Pampa – jarbasziani.aluno@unipampa.edu.br*

<sup>6</sup>*Universidade Federal do Pampa – lisieprates@unipampa.edu.br*

### 1. INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) representam problemas de saúde pública não só no Brasil, como também no mundo. Tratam-se de infecções causadas por diversos agentes etiológicos, que ocasionam síndromes clínicas significativas, tendo a capacidade de tornar o organismo mais vulnerável. A transmissão se dá, principalmente, por meio do contato sexual, por vezes de forma eventual, por via sanguínea, e também pode ocorrer durante o período gestacional, parto ou amamentação (MOURA et al., 2021).

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de um milhão de pessoas adquirem alguma IST a cada dia. Cerca de 500 milhões de pessoas adquirem IST curáveis (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoníase) a cada ano, 530 milhões podem estar infectadas por herpes e estima-se que mais de 290 milhões de mulheres estejam com Papiloma Vírus Humano (HPV). Esses achados mostram-se alarmantes e preocupantes para o sistema de saúde (BRASIL, 2015).

Frente a esse cenário, observa-se um aumento da população de mulheres que apresentam algum tipo de IST. Essa constatação está relacionada a diferentes fatores atrelados à questão de gênero, cultura, contexto histórico e social (SILVA, et al., 2018). As mulheres são mais vulneráveis a adquirir ISTs devido às características anatômicas, biológicas, além de submissões durante o relacionamento relacionadas às decisões da atividade sexual, bem como do uso de proteção. Elas também apresentam fatores socioeconômicos e problemas no acesso e compreensão sobre as informações ligadas à prevenção (SILVA et al. 2018; MOURA et al., 2021).

Conforme o exposto, considera-se relevante o conhecimento das mulheres sobre as ISTs, envolvendo principalmente a transmissão e as formas de prevenção dessas doenças. A partir disso, a pesquisa teve como objetivo identificar os conhecimentos de mulheres acerca das vias de transmissão das ISTs, tendo como questão norteadora: quais os conhecimentos de mulheres acerca das vias de transmissão das ISTs?

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, de campo e descritiva, desenvolvida em um Centro de Referência para a Saúde da Mulher, localizado em um município da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Para a seleção das participantes, foram



considerados os seguintes critérios de inclusão: ter, no mínimo, 12 anos (considerada como idade de início da adolescência, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente) (BRASIL, 1990) e sem limitação de idade máxima. Não foram utilizados critérios de exclusão.

Assim, participaram 11 mulheres, seguindo o critério de saturação de dados. Após o aceite, todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A coleta foi realizada no mês de dezembro de 2020, a partir de entrevistas semiestruturadas e das técnicas de criatividade e sensibilidade (TCS) denominadas de “Almanaque” e “Corpo Saber”. O roteiro de entrevista foi composto de perguntas fechadas, que abrangiam os dados sociodemográficos relativos às participantes, e perguntas abertas relacionadas ao objetivo da pesquisa.

Após o término das entrevistas, os dados foram transcritos e sujeitos à análise temática de conteúdo (MINAYO, 2014). A pesquisa respeitou todos os preceitos éticos, e seguiu as orientações propostas conforme resolução nº 466/2012. Ademais, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em 10 de novembro de 2020, registrado sob o número de parecer 4.390.633 e CAAE 39479720.0.0000.5323.

Para a construção do resumo em tela, foram extraídos os resultados obtidos da pergunta: “Como você acha que uma pessoa “pega”/se contamina com uma infecção sexualmente transmissível?”

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As participantes apresentavam idades entre 21 e 43 anos, sendo a maioria solteira, com escolaridade entre ensino fundamental incompleto e ensino superior incompleto. Conforme os depoimentos das participantes, pode-se perceber que as mulheres reconheciam os principais meios de transmissão para adquirir ISTs. Entre as vias de transmissão, foram citadas relações sexuais desprotegidas e o compartilhamento de objetos perfuro cortantes infectados, bem como a transmissão por via sanguínea. Entretanto, as mulheres mencionaram alguns mitos relacionados à temática, abordando o beijo, compartilhamento de roupas, contato de feridas e relações homossexuais como vias de transmissão de ISTs.

Para Rufino et al. (2016), o conhecimento insuficiente e inadequado quanto às ISTs expõem os indivíduos a maior vulnerabilidade e agravos à saúde. Nesse sentido, é fundamental conhecer as doenças e as medidas de prevenção, pois esses conhecimentos podem favorecer a adoção de condutas preventivas.

Partindo desse pressuposto, salienta-se a importância da educação em saúde, perpassando todos os níveis de atenção, iniciando a discussão da temática envolvendo saúde sexual e reprodutiva nas escolas por meio do Programa Saúde nas Escolas (PSE) (FONTE et al. 2018). Nesse contexto, potencializa-se o papel do enfermeiro no que tange a orientação, comunicação e compartilhamento de informações acerca das ISTs, suas características e medidas de prevenção. Além disso, salienta-se a necessidade dessa abordagem em diferentes etapas da vida, a fim de auxiliar na desmistificação da temática (TERRA; SILVA, 2017).

Outro ponto levantado durante as entrevistas está atrelado ao fato de as mulheres compreenderem que as relações estáveis envolvem confiança e fidelidade, o que poderia lhes conferir um caráter protetivo frente às ISTs. Nessa perspectiva, pesquisa realizada com mulheres corrobora com achados do estudo em tela, uma vez que predominou o julgamento de que as pessoas que adquirem



ISTs possuem um perfil determinado, visto que mulheres com a vida sexual ativa são acusadas de não realizar a proteção necessária, e por consequência, são consideradas mais vulneráveis (MOURA et al., 2021).

Frente ao exposto, observa-se que outro entrave atrelado às relações envolve a não utilização de métodos contraceptivos de barreira. Esse fato está relacionado ao processo histórico de influência masculina na tomada de decisões, limitando a autonomia e direito de escolha das mulheres e pondo-as a suscetibilidade às ISTs (RUFINO et al, 2016). Dessa forma, as ações educativas podem ser uma alternativa para o processo de empoderamento da mulher, frente ao cuidado de si e aspectos relacionados à prevenção, minimizando a vulnerabilidade às ISTs (MOURA et al., 2021).

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo trouxe subsídios acerca do conhecimento de mulheres em relação às vias de transmissão de ISTs. Logo, percebe-se a necessidade de ações educativas para solucionar fragilidades quanto ao conhecimento dessas mulheres. Nesse sentido, o enfermeiro como agente responsável pelo compartilhamento de saberes na comunidade precisa desenvolver ações educativas, que possam auxiliar a mulher no processo de empoderamento, bem como na superação de diferentes contextos relacionados à vulnerabilidade e permitir o acesso de informações quanto à promoção e prevenção de agravos à saúde.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm). Acesso em: 22 jul. 2021.

\_\_\_\_\_.Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

FONTE, V.R.F. et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. **Esc. Anna Nery**, v.22,n.2, 2018.

MINAYO M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014.

MOURA, S.L.O. et al. Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Esc. Anna Nery**, v.25,n.1, e20190325, 2021.

RUFINO, E.C. et al. Conhecimento de mulheres sobre IST/AIDS: intervindo com educação em Saúde. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 15,n.1, p.9-16, 2016.

SILVA, J.N. et al. Impactos do diagnóstico da infecção sexualmente transmissível na vida da mulher. **Enfermagem em Foco**, v 9, n.2, 2018.



TERRA, A.A.A.; SILVA, G.A. Representando as ações preventivas das IST/Aids realizadas por enfermeiros na atenção básica. **Enfermagem Brasil**, v.16, n.15, 2017.